



ANPEGE

Associação Nacional
de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia

SEÇÃO TEMÁTICA
GEOGRAFIAS NEGRAS

REVISTA DA

**AN
PE
GE**

ISSN 1679-768X

VOLUME

19

N. 38 (2023)



ANOS

APRESENTAÇÃO

Entendemos que tratar a diferença é fundamental e saudável para qualquer sociedade, visto que nascemos diferentes e nos tornamos parte de sujeitos também diferentes. Se assim é verdade, então a universalidade também se constitui de sujeitos diferentes. Como vimos, o negro se constitui como um dos sujeitos legítimos da sociedade brasileira, não reconhecer esse fato é ignorar a própria história nacional. São “pessoa-para-si” que se tornam “pessoa-para-o-outro” e constroem a vida desde muito tempo.

Andreilino Campos – A particularidade do movimento negro enquanto sujeito da história

Esta Seção Temática Geografias Negras é um marco na publicação da Revista da ANPEGE e expressa rupturas de invisibilidade, ainda tímidas no mundo acadêmico brasileiro, mas demarca a existência de individualidades que se afirmam por meio da autoria como sujeitos de conhecimento. Assim, para uma apresentação condizente, há alguns marcadores a evidenciar.

No texto do *Manifesto Por uma Geografia Negra*, lido na assembleia final do XXI ENANPEGE, em 2019, na Universidade de São Paulo, vemos a apresentação de um sujeito coletivo: “Somos um movimento composto por geógrafos/as negros/as, em distintas trajetórias de formação e atuação, que dirigimos nossos estudos e pesquisas para as questões negras, raciais, étnicas e africanas, por vezes correlacionando-as com etnicidade, gênero e sexualidade em suas dimensões espaciais”. Tal afirmação não conduz a uma perspectiva única de um saber-fazer geográfico, como vemos nesta seção temática. O diferencial nessa composição é que é formada por sujeitos como ocorre em outros movimentos sociais e não por temática, como é habitual nos eventos e em outros processos formativos. As Geografias Negras se interceptam com a Geografia das Relações Étnico-Raciais, também demandada pelo movimento negro acadêmico, no entanto, constituindo uma temática, passível de ser realizada por pessoas de vários pertencimentos.

Desse horizonte, surge a Lei 10630 de 09 de janeiro de 2003 que institui a obrigatoriedade da inserção da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira em todos os níveis e áreas do ensino. Onde se lê História, pode-se ler Geografia. No conjunto dos temas aqui apresentados, chama a atenção a articulação com as questões do ensino e da prática docente, apesar da pouca presença de trabalhos na pós-graduação. Mesmo assim, há estudos que visam produzir uma leitura do país considerando a presença negra em diversas possibilidades: na produção de territórios, nas práticas culturais, questionando a geografia escolar e a educação etc. O tema do racismo na escola e o cumprimento da Lei 10639/2003 continua sendo uma batalha árdua e a própria BNCC basicamente tangencia tais questões.

Há espaços em que essas temáticas e essas trajetórias tendem a ficar explicitadas: nos eventos, nas mesas-redondas, na condução e organização de atividades, na condução das entidades, nos espaços institucionais das universidades e tantos outros

lugares em que os corpos negros podem expressar existência, conhecimento diverso para além da temática racial. Entendemos que a pós-graduação em Geografia tende a acolher, com mais abertura e compromisso, projetos de pesquisa atinentes à racialização que historicamente marcou a produção do espaço brasileiro. Por extensão, é importante que as publicações de Geografia, notoriamente as revistas, tenham espaço para essas reflexões, não apenas em seções temáticas ou dossiês.

Cabe destacar que há uma comunidade que abraçou a proposta e se apresenta com inúmeros trabalhos, mesmo que ainda nos pareça uma presença não muito variada e extensa. O conjunto dos trabalhos nesta seção expressa uma diversidade temática, destacadamente um esforço de produzir um panorama sobre a temática racial, étnica e das geografias negras no Brasil e nas universidades. Também se destaca a presença dos temas atinentes à mulher negra e suas mobilizações – em grande parte são elas os esteios de diversos embates e movimentos, especialmente nos temas do quilombo.

Vendo a imagem da nuvem com as palavras-chave e com os títulos dos trabalhos apresentados saltam aos olhos os temas de maior presença. São mais que palavras, pensamos. Onde estamos nelas? O que elas dizem de nós? Quantas pessoas, quantos programas, quantas comunidades, coletivos e pessoas mobilizam os seus mundos em torno dessas questões?



A Seção Temática conta com artigos panorâmicos que tratam das Geografias Negras no Brasil e na América Latina, assim como acrescentando a perspectiva da decolonialidade e da racialidade. Outro conjunto de textos agrega aqueles que se voltam para o ensino e a questão da pedagogia política. Trazemos artigos que tratam de uma territorialização local de um quilombo, outro da vasta extensão do Atlântico Negro e, por fim, a tradução de um artigo relativo ao movimento *Black Geographies* nos Estados Unidos, contemporâneo ao brasileiro.

Após um pouco de atenção à distribuição dos temas, na distribuição de origem dos trabalhos reconhecemos indicativos de conjuntura e da própria condição da produção acadêmica no Brasil: há uma concentração regional das autorias e instituições que tem por base trajetórias não somente de docentes, mas de estudantes de pós-graduação.

Merece destaque a quantidade de autoras, posto que, há duas décadas, as mulheres negras eram raras nos cursos de pós-graduação.

Sabemos que o repertório temático pode ser ampliado, o que se relaciona diretamente com a recepção das Geografias Negras nos programas, linhas e grupos de pesquisa. Listamos alguns temas que fazem parte dessa possível agenda, como as questões da justiça ambiental, de gênero e sexualidade; a interpretação das práticas espaciais urbanas contemporâneas; a representatividade negra em cenários econômicos e políticos; espaços da educação geográfica, da geografia urbana, das questões da paisagem e da natureza, da geografia econômica e do planejamento, também as práticas e leituras da geografia cultural; a luta antirracista nos territórios; as biografias e as obras de intelectuais na história do pensamento geográfico; autorias e epistemologias negras na Geografia. Há demandas por trabalhos que se ocupem de entender a condição das coletividades negras nos dois lados oceânicos da diáspora.

Emitimos duas ordens de agradecimento. Às autoras e autores que atenderam à chamada e participaram com diligência do processo de revisão dos artigos. E a cada parecerista que contribuiu com reconhecido afincio. Vale ressaltar que receberam a convocação por trabalharem com questões raciais, negras, quilombolas ou de gênero sobretudo no âmbito da geografia, o que indica um cenário promissor do campo em foco. Que dessas leituras se ampliem os diálogos.

Coeditores da Seção Geografias Negras

ALEX RATTS

Universidade Federal de Goiás

MANOEL MARTINS DE SANTANA FILHO

Universidade do Estado do Rio de Janeiro